

---

# Lutar pela memória duradoura e infinitamente

---

Paulo Cesar Endo

---

No escopo de minhas pesquisas, ativismos e interesses dos últimos anos compreendi que a memória é um complexo de interações, correlações de forças e propósitos inscritos em dinâmicas de relações nas quais está em jogo a possibilidade e o direito de existir. A memória, portanto, não se situa em nenhum lugar, espaço e tempo específicos e em nenhuma pessoa particular e determinada.

Para esclarecer isso acho que vale a pena destacar algumas dimensões desse trabalho memorial. Podemos dizer que onde a memória se apresenta com mais vigor, com mais clareza e até mesmo em suas contradições mais profundas é nas lutas que se travam em seu nome.

As lutas pela memória são um campo extraordinariamente rico, composto por pessoas, grupos e comunidades, e suas dimensões são infinitas e muito variadas, certamente, mas elas tem um traço comum que, de certo modo as une: o trabalho pertinaz para que pessoas perdem enquanto significado, pauta e vocação. Ou seja, para que a vida de algumas assumam a potência simbólica que lhes foi consagrada, quando outros desejaram e atuaram para que essas determinadas vidas não existissem mais.

Em qualquer lugar, em qualquer país, encontraremos os traços, as marcas e as ruínas das que lutam e lutaram pela inscrição da memória, como marcação de existências que afirmaram a urgência em existir hoje e no futuro. Por isso são lutas, pelejas, trabalhos que não tem termo, porque enfrentam a contrariedade de muitos que também trabalham para impedir que certas expressões e formas de vida se manifestem plenamente.

Por isso o seu núcleo aflito é a afirmação, nunca consolidada ou consensual, de que determinadas expressões culturais, religiosas, sexuais, subjetivas e étnicas tem o direito de existir plenamente, sem serem ameaçadas apenas porque trabalham para serem reconhecidas, ouvidas e enxergadas no que desejam ser.

Então, as lutas pela memória estão apoiadas em uma outra reivindicação, que é a reivindicação pelo direito de existir como pessoa, como grupo, como nação, e sabem que sofrem a perene incompletude desse direito.

---

Nessa perspectiva, tais esforços, não raro, inauguram muitas estratégias – as mais diferentes possíveis –, e se definem também pelas derrotas, ou pela atmosfera de busca continuada presente nos trabalhos de memória.

Conhecemos desde construções de acervos, coleções, arquivos, memoriais e museus até o recolhimento zeloso de depoimentos, fotos, objetos e a preservação custosa de tantos rituais que ressignificam e atualizam os traços das que perduram entre as sobreviventes, vítimas e testemunhas.

Nesse sentido, são infinitas as estratégias memoriais, porque são infinitas as formas de destruir a vida humana, lá onde ela não vale absolutamente nada. E quando a extinção é completa, como no caso de tantos povos e comunidades nas quais o direito de existir foi radicalmente negado, um vazio e terror atormenta o coração ao constatar que sim, a devastação de um povo inteiro é possível, iminente e é levada a cabo todos os dias onde a resistência cessou. Por vezes um ato memorial consiste em persistir, não aceitar a própria comisseração do desaparecimento, banalizando as dores que lhe são coevas.

Qual o lamento pelas pessoas que nunca existiram ou foram reconhecidas em sua memória e que jamais conheceremos? Quem são os não reconhecidos? Aquelas que sequer puderam nos legar sua própria luta para sobreviver como, por vezes, a única história a ser contada. Nem isso. Apenas o impacto de vidas que nasceram e se foram sem terem vivido ou desejado e lutado para sobreviver, as não existentes.<sup>1</sup> É nesse sentido que um sem-número de peças memoriais se debruçam sobre a história dos esforços, trabalhos e lutas daquelas pessoas, comunidades e culturas que foram extintos enquanto desejavam sobreviver.

Jacques Derrida (2001) em leitura refinada de um texto de Freud bastante conhecido e intitulado “Mais além do princípio do prazer” (1921) observa que a pulsão de morte, energia psíquica definidora da vida e morte psíquicas, visa, antes de tudo, o apagamento total, absoluto e sem pistas, de modo que a força bruta orientada quando se impõe subjetiva, social e/ou politicamente, introduz

## Assim o ódio, afeto particular e subjetivo, serve de apoio para estratégias políticas de largo alcance para que se crie o objeto odiável, socialmente definido enquanto tal.

uma toxicidade que apaga os traços, as pistas e os indícios que doravante se tornarão dificilmente rastreáveis. Esse seria o fim absoluto e a extinção. É a destituição dos instrumentos de construção de uma imaginação do futuro que está em jogo; o culto à ignorância que se sobrepõe à vontade de saber, conhecer e se implicar no tempo lento, no qual a compreensão de alguns ou algumas se elabora e justifica a disposição profunda para reconhecer e reagir, quando determinadas formas de vida estão sendo frontalmente atacadas.

A ignorância pulveriza o legado e o pensamento que o elabora e abre as portas para a livre expressão do ódio, afeto sem mediações, que se alivia momentaneamente no ato catártico da destruição para, em seguida, exigir mais destruição que alimenta a boca faminta e vazia dos misantrópicos. O ódio não se esgota no presente e sua ambição é a ausência de futuro para tudo o que não é idêntico, por isso sua utopia é o extermínio.

Assim o ódio, afeto particular e subjetivo, serve de apoio para estratégias políticas de largo alcance para que se crie o objeto odiável, socialmente definido enquanto tal. Esses objetos do ódio são circunstanciais e politicamente determinados categorialmente: negras, judias, imigrantes, indígenas, LGBTQIAP+ etc. Ou subjetivamente: o vizinho, o irmão, o colega de trabalho. A prática eliminacionista sequestra e se serve das categorias identitárias para melhor definir e discriminar seus alvos.

Grupos inteiros são então definidos como os objetos, política e prioritariamente, autorizados para o livre exercício do ódio e o pleno escoamento da pulsão de morte. Como categorias reconhecidas identitariamente elas serão prioritariamente alvo das políticas públicas de degradação, violência e destruição, no mesmo ato em que serão acusadas de serem obstáculos públicos indesejáveis que impedem a passagem do progresso e das tecnologias; de destruírem o caro conceito de família tradicional e heteronormativa e de obstaculizarem a passagem e consolidação de ditaduras. Como obstáculo das hege-

## Assim o ódio, afeto particular e subjetivo, serve de apoio para estratégias políticas de largo alcance para que se crie o objeto odiável, socialmente definido enquanto tal.

## Assim o ódio, afeto particular e subjetivo, serve de apoio para estratégias políticas de largo alcance para que se crie o objeto odiável, socialmente definido enquanto tal.

monias essas pessoas serão exponencialmente odiadas, precisamente, porque dificultam sua própria destruição e extinção.

Aquelas pessoas que resistem, as que não aceitam passivamente sua própria destruição serão irremediavelmente odiadas. Como ousa o objeto execrável ainda querer viver?

Ao mesmo tempo creio que nisso reside paradoxalmente também a potência de algo decisivo nas lutas pela memória. Porque não raro um resto de uma ossada repleto de informações pode ser encontrado no deserto um botão de madrepérola puder ser alçado do fundo do mar,<sup>2</sup> um broche poder ser recuperado entre as cinzas de um campo de extermínio.<sup>3</sup>

A memória insiste e se dobra numa infinitude de suspeitas interpondo perguntas lá onde a palavra havia sido calada e agora, recuperada, como possibilidade vindoura e interrogação. É o direito de duvidar, pensar, questionar que passa a assumir o lugar da memória, dessa vez, inspirado pela sobrevivência dos traços das que lutaram, ou daquelas que não puderam lutar para continuar existindo.

Esses trabalhos de constituição da memória como uma plataforma de preservação da existência de comunidades, pessoas e povos guarda então, no seu profundo, um otimismo oculto. A luta pela memória, por mais que dificuldades perdurem nessa preservação, é uma luta que sabe que o ato de buscar constitui em si mesmo um memorial. A ação, o agir memorial faz perdurar a imaginação necessária sobre as mortas que se queria vivas.

Agir para desesquecer<sup>4</sup> é produzir-se enquanto memória, persistência que reinclui a morte nos processos de vida e assim faz recomeçar um ciclo. Para essas pessoas não há página virada da história. Então essa é uma dimensão que considero importantíssima. Essas são lutas que se autossignificam e se autoengendram de certo modo.

Esse é também um âmbito difícil, extremamente dramático, mas eu diria promissor e repleto de esperanças quando tentamos encontrar respostas para a pergunta: Por que lutar? Por que continuar lutando? Talvez porque são nas lutas pequenas e grandes que se elabora o sentido do futuro e a razão de continuar vivendo e trabalhando para produzir esse tempo que, por sua vez, precisa ser imaginado, construído aqui e agora, mas ainda não existe senão como imaginação, abstração e desejo.

## Assim o ódio, afeto particular e subjetivo, serve de apoio para estratégias políticas de largo alcance para que se crie o objeto odiável, socialmente definido enquanto tal.

Também importam as questões conceituais que instruem estratégias e caminhos. Em geral memória se entende, não só no senso comum, mas também numa certa historiografia e em regiões das Ciências Humanas e Naturais, como aquilo que se estabelece na dinâmica entre o lembrar e esquecer. Dizemos: “vou puxar pela memória”, “minha memória está fraca” etc. Memória é sinônimo de retenção (guardar na memória) ou evocação (puxar pela memória).

A complexidade das ações de lembrar, esquecer, des-esquecer, des-lembrar só passam a ser foco de interesse específico no campo interdisciplinar que se abriu para os saberes dedicados aos estudos sobre a memória. Porém, antes, algumas questões confirmavam esse interesse. Não raro determinados testemunhos são escritos, gravados e ou retomados anos, décadas após o ocorrido. Nesse ínterim não havia memória da experiência vivida? O que foi necessário para que em determinado momento um novo objeto memorial surgisse e se impusesse como resto, marca e traço? A memória os guardava e trabalhava no silêncio e no esquecimento.

Graças justamente, aos estudos sobre a memória no campo das Humanidades e, sobretudo, graças ao advento dos testemunhos, esse conceito foi se alterando completamente. Posso dizer também, como psicanalista, que graças a saberes e práticas como a psicanálise, esse conceito foi se complexificando muito a fim de incluir outras dinâmicas, outros processos mais sutis e continuados. Por isso hoje, em minha opinião, ele é inteiramente diverso. Quero dizer, ao menos novas contribuições para que ele seja completamente diverso.

Esse conceito renovado de memória inclui de uma maneira importante e mais complexa o esquecimento, não como antípoda, contrário ou antônimo da memória. Ele é um componente profundo da memória. Quero dizer, o esquecimento faz parte das dinâmicas da memória e a possibilita. Darei dois exemplos importantes.

O primeiro é uma apropriação que fiz da leitura de *A Interpretação dos Sonhos* (Endo; Sousa, 2014) de Freud. Lá ele observa que, por vezes, as pessoas estão falando sobre um sonho em análise. Esse sonho, Freud diz, o analisante não sonhou ontem. Por vezes esse sonho foi sonhado dias, meses ou anos atrás. Porém, numa determinada sessão de análise, ela se lembra desse sonho. A analisante traz o sonho em um contexto específico da clínica na transferência. Aí Freud sugere a pergunta: mas onde estava esse sonho? E em minha interpretação, ele mesmo sugere uma resposta: esse sonho dormia no esquecimento.

Ou seja, o esquecimento é onde a memória dorme, é onde a memória repousa. Ou seja, essa dinâmica que é trazida por Freud, na verdade, acompanha todos os novos conceitos sobre a memória.

## Assim o ódio, afeto particular e subjetivo, serve de apoio para estratégias políticas de largo alcance para que se crie o objeto odiável, socialmente definido enquanto tal.

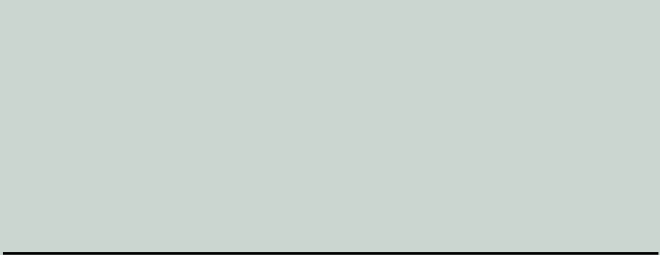
## Assim o ódio, afeto particular e subjetivo, serve de apoio para estratégias políticas de largo alcance para que se crie o objeto odiável, socialmente definido enquanto tal.

## o trabalho memorial e a existência de um memorial físico abrem as portas para a possibilidade do esquecimento.

Avanço então para um segundo exemplo. Em minhas pesquisas sobre memoriais em diferentes países, em que realizo uma espécie de peregrinação por memoriais distintos, em lugares e países diferentes persiste uma experiência que tem ficado cada vez mais clara para mim. Penso hoje que uma das funções, entre tantas, dos memoriais físicos, memoriais que existem concretamente, onde há uma sede, há materiais de arquivos, há coleções de objetos, intervenções artísticas, eventos, reuniões, grupos de trabalho etc., enfim um memorial vivo, é que eles guardam e têm muitas funções, muitas tarefas e muitas possibilidades multiplicadas. Mas uma das que acho mais importantes, é que o trabalho memorial e a existência de um memorial físico abrem as portas para a possibilidade do esquecimento. Em que sentido? Ele não é apenas um lugar para lembrar, mas também um lugar para esquecer. E isso é possível experienciar com clareza notável, por exemplo, quando, após muitas lutas pela memória se erige um memorial, um sítio de memória ou um centro de memória e direitos humanos em qualquer lugar.

É possível perceber e encontrar na experiência das pessoas que tiveram relação direta com o tema daquele memorial – seja as que viveram sob ditaduras, tiranias ou ameaçadas de extermínio e por políticas genocidárias ou sofreram efeitos de ações concretas de deslocamento forçado – que, muitas vezes, um diálogo entre as pessoas que viveram aquela experiência direta ou indiretamente, e sua presença e visita, constante ou não, junto àquele memorial é definida se se pode constatar que aquele trabalho memorial comportou a possibilidade do esquecimento.

Para as pessoas que viveram experiências atrozes numa dimensão frequentemente traumática, algo se apazigua quando encontram um lugar onde reconhecem que as suas memórias estão bem guardadas, zeladas e protegidas. Ou seja, o reconhecimento de que suas memórias, de seus entes queridos, do seu grupo social, estão protegidas, acolhidas, como um patrimônio público e coletivo. Os trabalhos de memória a partir desse reconhecimento podem inaugurar uma nova fase na qual se ativa a



permissão pessoal, social e coletiva para que as pessoas possam lembrar, mas também possam esquecer.

Na ausência desses símbolos e trabalhos públicos e perenes, o sobrevivente, familiar, amigo ou pessoa implicada sente, não raro, um dever da perpétua lembrança, porque a preservação de sua dor, por vezes, é o principal ou único indício de que uma atrocidade foi cometida. Desse modo é subjetivamente doloroso e urgente jamais esquecer e se torna imperativo sempre lembrar.

Então, a depender dos trabalhos realizados em torno dos memoriais pode se criar uma belíssima e potente dinâmica entre os memoriais e as sobreviventes. O memorial passa a ser também, e entre outras coisas, um lugar onde se pode ter certeza e confiança de que as memórias pessoais serão veladas como fontes perenes da rememoração, ativadas pelo desejo de recordar, rever, relembrar e desesquecer ainda que sob a forma da repetição, do trauma, da dor insuperável e do esquecimento. O memorial é, portanto, como um lugar no qual se vela um sentido ausente, diria Maurice Blanchot (1980, p.72).

Nesse encontro e diálogo se inscreve um tipo de disposição psíquica nova, que gera um espaço ao mesmo tempo de liberdade e compromisso num lugar onde é possível lembrar e esquecer. Onde a memória pode, muito ativa, trabalhar e onde pode dormir, repousar, descansar no esquecimento.

Eu tenho insistido nisso há alguns anos tentando pensar na qualidade da relação entre os memoriais e as vítimas e sobreviventes. Hoje penso que um memorial também é um ambiente onde se elabora a possibilidade de esquecer sem culpa e lembrar com saudades. E isso é impossibilitado inúmeras vezes para aquelas que viveram experiências traumáticas, experiências cativas pela repetição e entorpecidas pelo colapso do desastre. Então, eu considero um trabalho dos mais importantes e difíceis que o contexto dos trabalhos de memória, representados pelos memoriais pode e, não raro, tem possibilitado e conduzido certamente.

Outra coisa importante é que, do ponto de vista das ciências cognitivas, de uma certa psicologia, a memória é apresentada como uma função. Função psicológica, uma função psíquica, uma função mental. Considero que os argumentos que sugeri até aqui discordam e colocam isso em questão. Creio que as experiências de memória são sempre a tentativa de estarmos juntas, pertinentes e com as outras. Mas a outridade, a alteridade, é também a experiência em que morremos para pertencermos, em que o eu soçobra e de algum modo se desfaz enquanto se nutre do alheio. Nesse sentido a experiência solitária da memória é quase um contrassenso, porque suporia elevar o eu acima da experiência do sujeito que, enquanto tal, precisa se desfazer entre outros. A estética monumental se contrapõe a isso e, justamente por isso, nessa perspectiva é que os monumentos são atormentados pelos

## A estética monumental se contrapõe a isso e, justamente por isso, nessa perspectiva é que os monumentos são atormentados pelos antimonumentos ou formas negativas. São derrubados, queimados, pichados e postos ao rés do chão, na horizontal, como efeitos simbólicos das lutas pela memória.

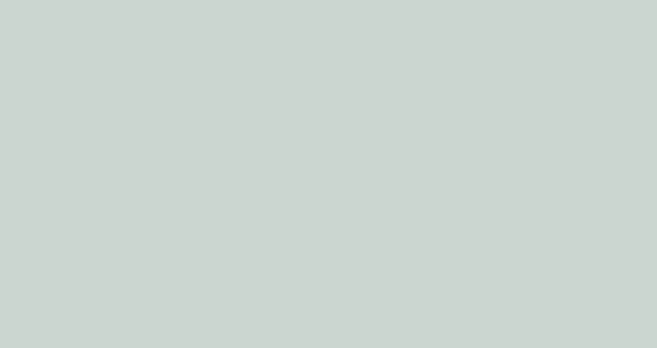
antimonumentos ou formas negativas. São derrubados, queimados, pichados e postos ao rés do chão, na horizontal, como efeitos simbólicos das lutas pela memória.

Quando pensamos em resgate de memória, isso nos remete imediatamente a algo que, a princípio, está esquecido. Evocar pela via da lembrança algo que não está imediatamente consciente, presente. Resgatar, nesse sentido, seria deslocar algo do esquecimento para a lembrança, o que tive oportunidade de criticar acima.

Contudo, um outro sentido político também é importante para pensarmos a ideia de resgate das memórias sequestradas. Aquelas memórias que foram impossibilitadas, foram atacadas, foram violentadas e elididas por atos, políticas e decisões de grupos, instituições ou governos.

Resgatar essas memórias tomadas de assalto se torna então um problema político de grande importância. Como abrir os arquivos militares no Brasil? Como alcançar a identificação de tantas desaparecidas, torturadas e ameaçadas políticas e seus algozes impunes no Brasil, cujas vidas estão nesse momento ameaçadas de desaparecer porque estão sequestradas, ocultadas e trancadas? Quais memórias para as vítimas da pena de morte extrajudicial no Brasil cometidas pelas forças de segurança do Estado? Aqui o termo sequestrada ganha outra força e vigor, certamente.

Se por um lado a ideia de resgate não é tão importante para falar das dinâmicas que dominam os afazeres da memória, por outro são muito eloquentes para apontar os sequestradores deliberados, ativos e impunes das memórias. Aqueles que ainda se beneficiam desse sequestro usufruindo de sua impunidade, de seus soldos pelos bons serviços prestados e da vida que puderam viver graças ao trabalho obedientemente realizado de matar, torturar e desaparecer com pessoas.



### 1. Os memoriais contra as intempéries do desaparecimento

Estive recentemente na antiga prisão de presas políticas em Chacabuco, no deserto do Atacama, no Chile. Duas coisas inesperadas me impressionaram muito. Era a fase final da minha pesquisa sobre memoriais, que levou uns dez anos para ser realizada numa primeira fase e ainda prossegue. E eu queria muito terminá-la no deserto do Atacama. Primeiro porque desejava encerrar na América Latina e, depois, porque tenho grande admiração pelos trabalhos de memória que acontecem no Chile. Mas me surpreendeu também as contradições flagrantes que se demonstram no Chile e, particularmente, no deserto do Atacama.

Vou destacar aqui dois eventos. Em 2023, estive uma vez mais no conhecido Memorial de Calama, que se encontra na Rota 23, entre as cidades de Calama e São Pedro de Atacama. A primeira vez que eu estive na região do Atacama, há 12 anos atrás, o memorial constituía uma paisagem muito rara e comovente. Calama é uma cidade de passagem das turistas em direção a São Pedro. É, sob vários aspectos, a dimensão terrível que se opõe ao maravilhoso que se encontra em São Pedro e arredores. Indo pela Rota 24, há quase vinte quilômetros de Calama, se encontra a maior cratera de estação de cobre do mundo que nubla os céus do deserto com pó, areia e poluentes químicos espalhando toxicidade principalmente na cidade de Calama e comunidades vizinhas. A cidade fantasma em Chuquicamata. também fica dentro da área da zona de extração de cobre pertencente a empresa mineradora nacional (Codelco). Vinte e cinco mil pessoas foram retiradas de suas moradias desde 2003, devido ao risco da contaminação do ar gerados pela extração do cobre. Deixaram para trás um memorial da destruição de regiões desérticas no Atacama, memorial que em breve deve ser destruído para se expandir as atividades da mineradora. É uma cidade fantasma, inviável e mortífera, abandonada por efeito do brutal trabalho de extração de cobre chileno, hoje o maior produto de exportação do Chile.

Em outra direção, na Rota 23, após algumas dezenas de quilômetros rodados, era possível ver uma única edificação no meio do deserto. Pilastras que se levantam do deserto para homenagear os assassinados e desaparecidos da caravana da morte de Pinochet.



## Uma montagem arquitetônica em meio à terra plana e infinita do deserto. Trinta e quatro colunas se erguem juntas no meio do nada.

Na primeira vez que estive lá, essa paisagem produzia um efeito performático impressionante. As colunas, representando cada um dos assassinados e desaparecidos, se erguiam do deserto formando um círculo visível à distância. Cada pilastra representando um desaparecido se erguia e se unia a outra ao seu lado, como num grande abraço circular que podia ser visto da estrada. Aquele monumento instigante intrigava as que transitavam pela primeira vez pela Rota 23 a caminho de São Pedro. Como o deserto e em diálogo com ele, o monumento é simples, singelo e vigoroso. Uma montagem arquitetônica em meio à terra plana e infinita do deserto. Trinta e quatro colunas se erguem juntas no meio do nada.

Essa é a lembrança da primeira vez que estive na região do Atacama. Doze anos depois, em 2023 a paisagem é completamente outra. A fazenda eólica construída no deserto, suas dezenas de turbinas monumentais ali instaladas, roubam a atenção visual de qualquer motorista na Rota 23. Turbinas e pás gigantescas e sua hélices atormentam o olhar. As paisagens da planície desértica perdem seu protagonismo e o memorial também. O deserto se obscurece. São os monumentos gigantescos da tecnologia que o pervade e o acanha. Monstruosos monumentos da tecnologia que impõem sua presença, seus valores e inventam suas necessidades. São quilômetros contínuos que fazem desaparecer o delicado e importante memorial de Calama, sua história e seus homenageados.

O mais aviltante é constatar que com milhares de quilômetros de deserto as turbinas não encontraram uma alternativa senão invadir o espaço visual do memorial. É uma agressão e um flagrante abuso contra a memória dos presos, mortos e desaparecidos do Chile. É a evidência de que uma batalha pela memória se trava no meio do deserto e no Chile. E aquele ponto alusivo, eloquente e antes, imediatamente visível, foi ocultado como uma comunidade que se extingue, atropelada pelos argumentos imperativos da tecnologia e do progresso que avança com seus coturnos.





---

## A antiga salitreira e prisão política de Chacabuco é um memorial em ruínas e sem uma política pública de preservação suficiente no futuro desaparecerá, arruinado ao rés do chão.

---

Um drama maior se evidencia no importante memorial de Chacabuco, a 120 quilômetros de Calama. Um memorial importantíssimo totalmente largado ao desaparecimento. Foi uma das experiências memoriais mais “abandônicas” que eu já vi, devido à importância e ao tamanho da antiga prisão política de Chacabuco que ali funcionou após 1973. Foi o maior campo de concentração do Chile, no qual foram detidos mais de 1.200 prisioneiros.

No Chile fica evidente que o que vai transformar os memoriais em ruína e depois em pó é uma outra coisa: não é o ataque frontal, não é o sequestro, nem a destruição, mas a indiferença. E a sugestão de que há sempre coisas mais importantes e urgentes. É a ostentação do futuro e do progresso que é convincente o suficiente para defender que a tecnologia é um lenitivo para dores do passado e deve substituí-las, solapá-las, tornando-as patéticas e inúteis. Apenas em 2023 foi inaugurada uma pequena placa que indica que ali foi uma prisão política. Antes era apenas o local abandonado onde funcionou uma antiga salitreira e onde viviam em más condições seus trabalhadores. A antiga salitreira e prisão política de Chacabuco é um memorial em ruínas e sem uma política pública de preservação suficiente no futuro desaparecerá, arruinado ao rés do chão.

Por isso talvez me encantem esses memoriais por vezes defendidos por um grupo, uma comunidade ou por uma única pessoa. Essa singularidade potente que grita e independe de políticas públicas que jamais alcançarão

---

a necessidade de uma política memorial ampla e radical. Um dos trabalhos artísticos mais impressionantes sobre a massificação da morte encontrei em Bogotá, na Colômbia, numa intervenção que Beatriz Gonzalez realizou no cemitério central da cidade. Nos locais que poderiam conter as urnas das mortas, os *columbarios*, a artista pinta inúmeras imagens de assassinatos ilegais cometidos pelo Estado, forças paramilitares e o tráfico de drogas na guerra infinita que se trava na Colômbia há décadas. A repetição das imagens se desdobra na convocação corajosa ao trabalho infinito da memória.

Penso que os trabalhos de memória, as lutas, as pesquisas, os memoriais, todas as estratégias em que se engajam as políticas de memória têm um único vetor que é colocar a teste a nossa humanidade, com todas as estratégias disponíveis. Se somos e seremos capazes de nos importarmos e nos implicarmos com dores e necessidades que não são as nossas, com a existência de outras que não nos são idênticas, e se faremos disso a condição que define a política e seus afazeres, dilemas e propósitos que hoje se degrada abissalmente. Isso é o que se chama proteger um legado.

Fazer nossa a luta de outras, a vida de outras numa espécie de contaminação virtuosa que instrui nossas sensibilidades e nossa forma particular de vivermos juntas. E nisso, acredito, os memoriais têm e terão papel decisivo impondo a importância de coisas e pessoas cuja memória se quer fazer desaparecer, no mesmo torvelinho onde ela se fortalece, se amplia e se consolida.

Por ocasião de uma entrevista para um belo projeto de podcast da pesquisadora Ana Paula Britto,<sup>5</sup> intitulado “Memória pra quê?”, ela me pediu que recomendasse às pessoas trabalhos relacionados a memória e minha sugestão naquela ocasião foi: “visitem os memoriais”.

Então, para terminar, reproduzo em linhas gerais o que disse a ela na ocasião. É uma recomendação sobre a ética dos afazeres do passado, a inspiração para o futuro que precisamos imaginar e os compromissos do presente,

---

mas é também importante porque os memoriais guardam a sua fragilidade já que dependem também da vida e das pessoas que os frequentam e por eles guardam interesse e preocupação.

Particularmente, hoje tenho interesse pessoal naqueles memoriais que eu chamo de *chicos*, pequenos, que são aqueles mantidos às vezes por algumas pessoas, ou por alguns familiares ou por alguém que considerou importante a preservação daquele pequenino templo em volta de uma lápide, no local da morte de uma pessoa ou mesmo em seus quintais e casas. Resistem apesar da negligência social e estatal.

Por obra desse contato presencial, entre aquele memorial que foi criado, que foi construído, organizado e os pés que caminham até eles e as mãos que os tocam, uma magia pode acontecer. As mortas são restituídas à sua história e futuro e, uma vez mais, enaltecidas como legado. Comete-se e suscita-se uma experiência de vida e morte compartilhada. Aquelas vidas que estão sendo, de algum modo, ali celebradas, homenageadas intimamente, como num ritual pessoal onde se converte de súbito o memorial em lugar de consternação e preces, que possibilita faz a visitante senti-las como próprias dando-lhes pertinência.

Ir a um memorial também é, sem dúvida, um momento em que algo de nossas experiências de humanidade se coloca em aviso e nossos compromissos para com ela são, ocasionalmente, refeitos e restaurados. E é sempre a constatação de que a morte é a vida acontecendo.

Por vezes, nesses esforços que fazemos para chegar até os memoriais, alguns são distantes, longínquos, difíceis, nos perdemos também nessa busca. Mas quando o encontro acontece entre sobreviventes, familiares, visitantes, ativistas e os memoriais, vidas são suscitadas e experiências são trazidas à tona e reveladas, uma vez mais, como vida, futuro e projeto. Então meu convite é que as pessoas visitem os memoriais, pequenos ou grandes, diminutos ou não, abandonados ou não, e possam ter essa experiência mágica de produzir vida em si a partir daqueles que queriam tanto viver e foram impedidos de ter, em vida, a sua morte morrida e não matada. E que agora, no ato de conhecer, estar e celebrar essas vidas, elas animosamente ressuscitam por nós e em nós.





Fonte:  
arquivo pessoal

#### AUTOR

Paulo Cesar Endo é psicanalista, Professor Livre-Docente do Instituto de Psicologia da USP (IP-USP), Coordenador do Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos, Democracia e Memória do Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA-USP).

#### NOTAS

1. Ver sobre línguas indígenas existentes ou próximas da extinção: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/04-22-as-linguas-indigenas-estao-adormecidas-nao-foram-extintas>. Ver sobre línguas indígenas extintas ou adormecidas: <https://www.nexojournal.com.br/externo/2023/04/22/as-linguas-indigenas-estao-adormecidas-nao-foram-extintas>. Ver sobre línguas indígenas extintas ou em extinção: <https://portalamazonia.com/amazonia/conheca-cinco-linguas-indigenas-extintas-na-amazonia/>.
2. Remeto as leitoras à trilogia de Patricio Guzmán sobre a ditadura chilena comandada por Augusto Pinochet. Os filmes que compõem essa trilogia são: "Nostalgia da Luz" (2010), "O Botão de Madrepérola" (2015) e a "Cordilheira dos Sonhos" (2019). Em "Nostalgia da Luz", Guzman destacará a busca das Mulheres de Calama em busca dos restos mortais de seus parentes enterrados no deserto do Atacama pelo governo Pinochet. Em "O Botão de Madrepérola", o diretor destacará o achado de botão de madrepérola como prova de que a ditadura chilena lançava ao mar presas e presos políticos. Esse botão incrustado no vergalhão de ferro é uma pesa memorial destacada na Villa Grimaldi, um dos memoriais mais importantes do Chile e da cidade de Santiago.
3. Em 2012, em conversa com Piotr Setkiewicz, diretor do Centre for Research

at the Auschwitz-Birkenau State Museum, ele me dizia que entre os achados recentes em Auschwitz havia sido encontrado um broche provavelmente oriundo do Chile, o que indicaria que latino-americanos também teriam sido incinerados nos fornos crematórios, dando início a uma pesquisa sobre esse achado.

4. Tenho utilizado a palavra desesquecer para nomear e incluir no campo da memória os sonhos como trabalho de desesquecimento. No sonho não se trata de lembranças, certamente. Do mesmo modo que a elaboração onírica opera contra o esquecimento absoluto e desesquece, desfaz o esquecimento e, nesse sentido, revela, em sua narrativa os fragmentos da memória como sua possibilidade potente e em si. Trata-se de uma evocação ao sujeito que dobra a aposta nas pistas, indícios e sinais como começo e/ou recomeço lá onde o sujeito ameaça apagar-se, heteronomatizar-se ou sofrer sob o jugo de suas repetições. Sabemos das instruções da pulsão de morte tão evidentes nos sonhos, porém, ao mesmo tempo, o sonho é a franja que se dispõe a alguma emancipação psíquica como contrariedade aos apelos da pulsão de morte.
5. Realizado em vários episódios, esse projeto coloca em cena diálogos entre diferentes pesquisadoras, ativistas e líderes dialogando sobre o tema da memória. Esse capítulo em especial pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nlf3e0aU9A>.

#### REFERÊNCIAS

- DERRIDA, J. *Mal de arquivo*: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- ENDO, Paulo; SOUSA, Edson. Itinerário para uma leitura de Freud. In: FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos*. Trad. Renato Zwick. Rev. Tec. Tania Rivera. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- BLANCHOT, M. *L'Écriture du Désastre*. Paris: Galimard, 1980, p.72.